

ECOPEDAGOGIA E UTOPIA**Hilda Gomes Dutra Magalhães****RESUMO**

A Ecopedagogia traduz para o campo da Educação as mais importantes discussões realizadas na atualidade sobre questões ambientais. Ecopedagogia, ou pedagogia da terra, ela se afirma como um espaço em que todas as utopias ganham nova forma. Neste artigo nos propomos a discutir o estatuto da Ecopedagogia enquanto espaço da utopia, a partir da análise de suas interfaces com a utopia de Marcuse, do Século XX, e de Schiller, um dos teóricos do Romantismo alemão. Através dessa discussão será possível concluir que existe uma nítida relação entre Ecopedagogia e utopia, mas também entre Ecopedagogia e interesses do capital globalizado e por isso deve ser vista sempre com reservas.

PALAVRAS-CHAVE

Ecopedagogia; Utopia; Capitalismo; Globalização

ECOPEDAGOGY AND UTOPIA**ABSTRACT**

The Ecopedagogy translates by the education sphere, the most important discussions done today in what concerns the ecology. Ecopedagogy, or the pedagogy of the Earth, is knew as the space in what all the utopias have their forms. In this text we will analyze the ecopedagogy statute during the space of the utopia, from the analyze of its interfaces with Marcuse's utopia, of the Century XX, and with the Schiller's theory, one of the most important philosophy of the German Romanism. Through of this discussion, it will be possible to conclude what it exist a net relation between the Ecopedagogy and the utopia, but also between the Ecopedagogy and the interests of the globalization and, for that, she must be always seen with reserves.

KEYWORDS

Ecopedagogy; Utopy; Capitalism; Globalization

INTRODUÇÃO

O império da razão exige do homem uma alta dose de repressão de desejos, sonhos e de vida. Adorno, tratando do assunto, evoca como exemplo dessa renúncia, evoca um episódio de *A odisséia*, em que Homero relata o encontro do herói grego, Odisseu, com as Sereias, cujo canto hipnotiza os homens e os leva à morte. Odisseu, após a guerra de Tróia, ansiava pelo retorno à sua terra, Ítaca. Entretanto, por ter afrontado o deus Netuno, senhor dos mares, encontrava-se perdido no oceano, onde enfrentaria inúmeros desafios e, se quisesse retornar para sua casa, não poderia, de modo algum, sucumbir ao canto das Sereias.

Com o fim de ludibriar a morte, Odisseu pediu aos seus ajudantes que tapassem os próprios ouvidos com cera, enquanto remavam, a toda força, distanciando o navio das figuras míticas. Pediu ainda que o mantivessem firmemente amarrado a um dos mastros do navio. Assim o fizeram seus ajudantes. Quando o navio se aproximou das sereias e ele ouviu seu canto, debalde acenou aos seus companheiros para que o desamarrassem e, dessa forma, nosso herói conseguiu se livrar dos encantos das sereias.

Para Adorno e Horkheimer, essa narrativa mostra a renúncia que transforma Odisseu não apenas no sacerdote, mas também e sobretudo em vítima. Para continuar seu percurso até a civilização (seu reino em Ítaca), precisou sacrificar uma parte de si mesmo, ou seja, precisou sacrificar tudo o que não pertencesse à razão. Em outras palavras, "A razão que ele utiliza para se libertar exige o amordaçamento de si próprio, adiando a possibilidade de felicidade para o futuro." (MAGALHÃES, 2004, p.60-61)

O Ocidente, ao privilegiar a razão em detrimento da emoção, da imaginação, da intuição e do prazer, pensando desta forma se libertar do mito, acabou negando as possibilidades de libertação, porque passou a ignorar uma visão holística do mundo.

A razão e a ética burguesa fundamentada na lógica capitalista nos mostram que

o desencantamento do mundo não trouxe um mundo mais justo a ser conquistado pelo saber fortalecido, mas transformou este mundo em cega objetividade à mercê da tecnologia repressiva. Transformada em tecnologia, a razão tem o caráter alienado da ciência e da técnica positivista, visando a dominação incondicional do ser humano (MAGALHÃES, 2004, p.61).

Em *Eros e civilização* (GUANABARA, s.d), Marcuse afirma que essa condição é de origem cultural e que, portanto, pode ser revertida, libertando o homem da tirania da razão. Marcuse inicia suas reflexões nos explicando que, segundo Freud, a história do homem é, na verdade, "a história de sua repressão". Segundo o pai da Psicanálise, a psique humana é comandada por dois instintos básicos. O primeiro, regido por Eros, é o princípio do Prazer, voltado para a vida e tudo a que pertence a esse campo semântico. O segundo, regido por Thanatos, é o princípio da Realidade, voltado para o campo semântico *morte*. Para Freud, o instinto de Eros, se não controlado, pode ser tão funesto quanto o de Thanatos, pois, ao solicitar a gratificação imediata, torna impossível a vida em sociedade. Por isso, a civilização só pôde ser viável mediante a repressão do princípio de prazer, o que ocorreu com o desvio dessa energia para fins produtivos.

Segundo Marcuse, essa cisão teria propiciado o nascimento de uma cultura repressiva, baseada na renúncia, na repressão de desejos, das emoções e até mesmo da imaginação. Mas como ela é criada pelo próprio homem, também pode ser apagada através da liberação do princípio de prazer.

A utopia de Marcuse consiste exatamente numa nova experiência de vida, em que o princípio de prazer não seja submetido ao princípio de realidade, mas o inverso. Para ele, esse modelo de sociedade livre já teria existido, anteriormente à fratura da psique humana, mais especificamente na era matriarcal, e novamente seria possível "mediante a distribuição não opressiva da escassez"; o que ocorreria "na sociedade industrial plenamente desenvolvida, após a conquista da escassez". (MAGALHÃES, 2004, p.64)

Não haveria, para tanto, a necessidade de uma revolução armada, mas a simples redução das horas de trabalho alienado a um mínimo possível já seria suficiente para fazer surgir uma nova sociedade, caracterizada pela satisfação, "sem labuta", das necessidades vitais. Nessa sociedade, a produção e o consumo obedeceriam a um novo paradigma. A produção seria totalmente automatizada, haveria uma prática permanente de troca de funções para que se evitasse a automação do trabalho produtivo e os trabalhadores não teriam mais que gastar energia no processo de produção.

O consumo também passaria por profundas transformações, sendo orientado para atendimento das necessidades básicas dos cidadãos, de modo que supérfluos desapareceriam

das prateleiras, até mesmo porque haveria um limite para a produção, imposto pela própria modificação no processo produtivo. Todas essas iniciativas fariam com que apenas uma pequena parcela instintiva fosse desviada para o esforço produtivo, de modo a sobrarem tempo e energia para atividades culturais e de lazer, o que, por si só, segundo Marcuse, provocaria o colapso do sistema repressivo capitalista.

Marcuse insiste em afirmar que o que precisa ser mudado, para que tenhamos uma sociedade menos repressiva, é a estrutura da psique humana para que as mudanças econômicas e sociais sejam possíveis. O ser humano, durante o amadurecimento psíquico e a formação das estruturas primárias da sociedade, teve sua integridade psíquica fragmentada, e só a restauração dessa unidade psíquica pode tornar possível um mundo baseado no princípio do prazer e não no princípio da realidade.

Estas transformações só poderiam ocorrer, entretanto, num estágio avançado da civilização, em que a consciência passasse "a desejar essa nova racionalidade, a racionalidade da gratificação, revestida de novas prioridades, nova organização do trabalho, nova hierarquia de valores, remodelando o domínio da necessidade na luta pela existência." (MAGALHÃES, 2004, p.66).

A própria fisiologia da cidade passaria por profundas modificações, pois haveria mais praças, mais clubes, mais cinemas, mais teatros e menos bancos ou casas comerciais. Novos espaços de lazer e cultura seriam criados e as pessoas nas ruas seriam mais comunicativas, mais espontâneas e mais felizes. Aliás, as próprias pessoas passariam por muitas transformações, já que a liberação do princípio do prazer provocaria novos comportamentos, fazendo também ressurgirem necessidades humanas (inclusive no plano biológico) que teriam sido reprimidas pelo princípio da realidade, do mesmo modo que capacidades que pouco conhecemos e que hoje são relegadas à esfera mística ou esotérica poderiam ser desenvolvidas, de forma a ampliar nossa forma de sentir, de ver e interpretar o mundo.

A Ecopedagogia, embora tenha uma motivação diferente, apresenta muitos traços em comum com a utopia de Marcuse. Os seus teóricos têm uma visão clara do poder de destruição da razão, transformada em lógica capitalista, que desestrutura o equilíbrio não apenas do homem, como também do planeta.

Como afirma Gutiérrez, citando Morin,

Os benefícios da falsa racionalização se tornaram totalmente irracionais e atentam com a máxima gravidade sobre a humanidade, a qual sentimos voltada à catástrofe. A razão que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade, a vida, é irracional... A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo, do mecanicismo; sabe que o espírito humano não pode ser onisciente, que a realidade comporta mistério (2000, p.113).

Como se percebe, Gutiérrez se refere a uma nova racionalidade, capaz de perceber os limites do pensamento cartesiano e da ciência positivista. Do mesmo modo, reconhece os danos causados pelo cientificismo ao ser humano :

O uso irracional do instrumento racional terminou por bloquear e, de alguma maneira, esterilizar outras formas de relação, percepção e conhecimento. Assinalamos isso já há muito tempo ao afirmar que 'fazemos uma perigosa cisão ao 'pensar' de uma maneira e agir de outra muito diferente. Por dar primazia à racionalização, perdemos coerência conosco ao racionalizar a vida, a arte, o prazer, o agir humano, o acontecer histórico ; por essa via corremos o risco, já alcançado em altos percentuais, de desumanização'. Perdemos o norte, impulsionados por uma lógica da acumulação. Esse empenho inumano do paradigma mecanicista nos levou, entre outros nefastos resultados, à super-exploração do planeta Terra.

O desenvolvimento econômico constitui-se num dos elementos perturbadores mais evidentes da sustentabilidade de nossas sociedades. A economia clássica fundamentada no capital e no trabalho que leva a uma produção e consumo desajustados está provocando a destruição, um a um, dos sistemas de defesa do organismo planetário e do tecido social. A tecnociência é, assim, núcleo e motor da agonia planetária.

A meta nesse espaço de aprendizagem há de nos levar à recuperação do equilíbrio entre a intuição e a razão como base para fundamentar a criação da cultura da sustentabilidade. Não importa tanto o conhecimento e a informação, mas sim o entendimento e a compreensão. Os processos de humanização que nossa sociedade requer devem principiar por significar tudo o que fazemos e impregnar de sentido muitas práticas da vida cotidiana, bem como compreender o sem-sentido de muitas outras. (GUTIÉRREZ, 2000, p.113-114).

Como se observa, a Ecopedagogia apresenta grande permeabilidade às utopias. O próprio conceito de sustentabilidade, que deu origem à Ecopedagogia e que se constitui seu principal objetivo, é altamente utópico porque, dentro do contexto em que surge (Capitalismo), apresenta dois pólos que dificilmente se harmonizam. Esses dois pólos são a produção (que, no Capitalismo é compreendido, na prática, como “depredação”) e o respeito à biodiversidade, incluindo nele o respeito às condições de vida dignas do ser humano.

Seja como for, a Ecopedagogia, por ser o espaço em que todas as utopias da era planetária parecem encontrar não apenas guarida, mas sobretudo viabilidade (tudo depende da

Educação), absorve os teóricos remanescentes das mais diversas utopias, como a Teologia da Libertação, o socialismo utópico, a revolução ecológica dos anos sessenta e outros, pregando o surgimento de um novo mundo sob a égide de uma nova ética, que celebre a solidariedade e a harmonia cósmica. A Ecopedagogia acredita numa sociedade mais justa, em que o processo repressivo dê lugar a uma cidadania planetária, baseada no respeito às várias formas de vida no planeta. Conforme as palavras de Gadotti (2005), "Precisamos de uma Pedagogia da Terra, uma pedagogia apropriada para esse momento de reconstrução paradigmática, apropriada à cultura da sustentabilidade e da paz. "

Como se percebe, a Ecopedagogia apresenta muitos pontos de semelhança em relação ao modo de ver o progresso tecnológico e também à utopia apresentada por Marcuse. As diferenças que existem estão vinculadas mais ao contexto, à motivação, do que aos fundamentos. Ambos recusam o racionalismo repressivo, ambos recusam a lógica do capital, a forma de produção e consumo, bem como o sofrimento que ele impõe ao gênero humano, do mesmo modo que tanto um quanto o outro sonham com um ser humano sem cisão, com uma sociedade mais igualitária e feliz.

O progresso, já afirmava Benjamim, não traz as condições de vida comunitária ideais, mas apenas radicaliza o processo de repressão, de divisão de classes, porque os conhecimentos tecnológicos são sempre utilizados para atender aos interesses do capital e para a manutenção do poder dominante. Em nenhuma outra civilização o homem esteve tão separado de sua essência, da vida, da felicidade quanto na ocidental. Repetindo as palavras de Morin (2005), o desenvolvimento

ignora que o crescimento tecno-econômico produz subdesenvolvimento moral e psíquico: a hiper-especialização generalizada, a compartimentalização em todas as áreas, o hiperindividualismo e o espírito de lucro geram a perda da solidariedade. O desenvolvimento engendra um conhecimento especializado que é incapaz de apreender os problemas multidimensionais. A educação disciplinar do mundo desenvolvido traz conhecimentos, sim, mas gera uma incapacidade intelectual de reconhecer os problemas fundamentais e globais.

Há muitas aproximações entre as idéias de Marcuse e os fundamentos da Ecopedagogia, entretanto as duas utopias se distanciam em relação ao contexto motivador, pois, enquanto Marcuse sonhava com a salvação do ser humano, a ecopedagogia entende que o homem só pode ser salvo através e no processo de salvação do planeta. É neste " cuidar " que deve surgir um novo homem, mais completo, mais comprometido, mais feliz.

Na ecopedagogia o componente ecológico é decisivo. É através de nosso envolvimento com a natureza e com a concepção do planeta como aldeia planetária que será possível modificar o mundo. Esse envolvimento deve ocorrer não por via da razão, mas por via da emoção, através da sensibilidade, o que nos remete a outra utopia, dessa vez gerada no seio do Romantismo, através de Schiller, filósofo alemão que muito contribuiu para a definição dos limites do pensamento romântico.

Schiller, em *A educação estética do homem* (1989), do mesmo modo como faria depois Marcuse, toma como ideal a civilização grega, em que acredita não existir ainda na mente humana domínios rigorosamente separados da razão e da sensibilidade. Com a divisão belicosa e a demarcação de fronteiras, teria se instaurado a separação entre os entendimentos intuitivo e especulativo, sinais de uma violenta cisão ocorrida na mente do homem. Esta cisão, marcando a distância entre o impulso sensível (o homem no mundo) e o impulso formal (o raciocínio), teria sido aperfeiçoada e generalizada pelo Estado, ocasionando a separação entre as leis e os costumes, a fruição e o trabalho, o esforço e a recompensa.

Partindo desse princípio, Schiller vê como infértil qualquer tentativa de modificação do Estado até que seja suprimida esta cisão no interior do homem. O desejo de Schiller é que se estabeleça uma passagem da simples força para as leis, dando "à eticidade invisível o penhor dos sentidos", quando teria lugar a síntese entre o natural e o autoconsciente no cultivo harmônico da personalidade individual.

Caberia à cultura essa tarefa totalizadora do caráter do homem, assegurando os limites de cada um dos impulsos sensível e formal, evitando a submissão exclusiva de um deles em relação ao outro, o que resultaria em coerção e violência nas relações homem/trabalho. Só a cultura poderia operacionalizar simultaneamente esta dupla experiência (formal e sensível) num exercício que possibilitasse ao homem se conhecer como espírito e se perceber como matéria, conjugando "a máxima plenitude de existência à máxima independência e liberdade" (SCHILLER, 1989, p.92-93).

Este exercício seria concretizado no impulso lúdico (estético), cujo objeto é o Belo, entendido como a sublimação do real. Na arte, a neutralização dos impulsos sensível e formal obtida mediante o efeito dissolvente do belo (mantendo os dois impulsos em seus limites) aponta para a liberdade no que ele chama "forma viva", uma nova realidade

apresentada no plano estético e que seria uma antevisão de um estágio futuro das relações homem/trabalho, a ser construído por obra desses homens completos.

A arte desempenha, neste projeto, uma função delimitadora dos impulsos sensível/formal: como forma calma, ameniza a vida selvagem do homem natural, canalizando as sensações para o pensamento. Como imagem viva, arma de força sensível a forma abstrata, dando equilíbrio ao homem artificial. Em ambos os casos, a arte, pela educação da sensibilidade, devolve ao indivíduo a totalidade perdida, o que acarretaria uma práxis política libertadora.

As idéias de Schiller representam o pensamento estruturante da burguesia, uma classe em ascensão econômica, mas ainda afastada do poder político e que se reconhece nas dimensões de um pensamento afirmativo, que, segundo Marcuse, em *Negations* (1973 :95), caracteriza-se sobretudo pela reivindicação de uma outra forma de vida sem que se modifique a situação de fato.

Este tipo de pensamento acarreta uma divisão entre o mundo espiritual e o processo civilizacional, estabelecendo, a partir daí, dois tipos de cultura: por um lado temos a cultura material, centrada na preocupação com o dinheiro e o negócio, investindo numa educação autoritária imposta pela imagem repressora do pai, chefe da família e da empresa, visando a reprodução e introjeção dos objetivos utilitaristas. Por outro lado temos uma cultura intelectual que deprecia, nega e sublima as forças repressivas, prometendo a libertação na esfera do espírito.

Como se percebe, a compreensão da cisão entre razão e emoção é percebida desde o início da sociedade burguesa e está na base das três utopias expostas, sendo uma das bases do movimento da Ecopedagogia. Essa utopia encontra eco na Carta da Terra, elaborada na Eco 92, evento realizado no Rio de Janeiro, e estão presentes nas agendas regionais e locais ligadas à Agenda 21 Global, nos mais diversos recantos do mundo. Entretanto, é preciso notar que esses documentos são em si ambíguos, tanto em relação às suas intenções, quanto aos seus objetivos, ações e metas. Em outras palavras, o documento interessa tanto à manutenção dos modos de produção quanto aos que buscam, hoje, respostas para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e menos agressiva em relação ao meio ambiente.

Evidente que a própria forma como esses documentos foram construídos, contando com a participação de entidades não governamentais em grandes debates mundiais sobre o assunto, nos propicia ver o outro lado da moeda, a forma como a utopia toma lugar em nossos dias, ou seja, a criação de um mundo mais fraterno, em que as sociedades sejam mais igualitárias, em que a natureza e as culturas sejam respeitadas, em que as necessidades humanas sejam atendidas. Há mesmo um certo lirismo nos próprios termos em que a carta da Ecopedagogia é redigida : a integração do homem com a natureza, a descoberta do SER nessa integração, ligada a uma concepção de vida mais plena, a uma fruição da natureza, mais humana, mais harmoniosa, ao advento do império da intuição e da afetividade, que viriam substituir a " lucidez " e a automação da razão.

O que se propõe tanto na Carta da Terra quanto na Ecopedagogia é a recuperação da integração do homem, perdida no exercício mitificador e encantatório da música capitalista. Entretanto, observemos que nenhum desses documentos preconiza ou mesmo deseja que o Capital deva se extinguir. Ora, o que ponderamos é que, em termos de realidade econômica e social nada poderia ser mais distante e mais antagônico a essa utopia quanto o próprio Capital, sobretudo na fase em que se encontra. A utopia está desenhada, cada vez mais claramente em cada novo documento voltado à questão da cidadania planetária e à sociedade sustentável, entretanto eles se acomodam no berço esplêndido do Capital e tem limitada, por isso, sua ação revolucionária.

Desse ponto de vista, a ecopedagogia é de fato contraditória, visto que incorpora interesses sociais e capitalistas, sendo utópica quanto à idéia de uma harmonia planetária e à extinção das desigualdades sociais e contraditória na medida em que está voltada para a manutenção das condições de permanência do Capital. Por isso, em muitos pontos, ela faz uma ponte com os interesses do Banco Mundial, que exige, por exemplo, que os países emergentes e subdesenvolvidos desenvolvam programas educacionais direcionados para o Ensino Fundamental, para que se erradique o analfabetismo, para que se promova uma educação de cunho sustentável.

Entretanto, sempre devemos ter em mente que as necessidades da Ecopedagogia são, também, as necessidades ditadas pelo Capital e para servir ao Capital. Os novos paradigmas da educação buscam um cidadão mais preparado tecnicamente? Sim, e isso interessa ao Mercado na medida em que fornece não apenas mão de obra, como também massa consumidora para que o Capital avance. A Educação do terceiro milênio deve formar

um cidadão mais integral, formar o indivíduo para a vida, não apenas para o mercado de trabalho, um cidadão que saiba pensar e agir de forma mais dinâmica, que saiba se relacionar melhor com os outros e consigo mesmo? Sim, e é justamente esse o tipo de recurso humano que o mercado global necessita para que possa avançar cada vez mais.

Enfim, jamais poderemos perder de vista, quando lemos esses documentos, quando fazemos essas leituras, essas contradições que parecem se anular nos textos, mas que são expressão dos mais profundos interesses tanto do Capital quanto dos que ainda hoje sonham com uma sociedade mais justa.

Se não tivermos em mente essas duas leituras, podemos estar investindo, sem termos consciência, no radicalismo das posições capitalistas na era da globalização. Essas reflexões, sobretudo no espaço escolar, devem resultar em profundas análises sobre o significado de cada um dos paradigmas que estão postos, tentando separar neles o que convém ao Capital e o que diz respeito à utopia, o que pode ser de fato o elemento equalizador, redutor das forças niilizantes dessa nova fase capitalista.

A consciência desses limites, desses vieses, é que nos dará uma idéia mais clara do modelo de educação que queremos em nossa escola, a que senhor estamos de fato servindo e a que senhor queremos de fato servir. Se, por um lado, a utopia fica sob suspeita, por outro, é impossível não perceber que uma nova consciência se afirma no mundo ocidental e é grande a importância da escola, enquanto espaço dialético, na formação dessa consciência.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra e educação sustentável**. Disponível em: <www.168.96.200.17/ar/libros/torres/gadotti.pdf>+ecopedagogia&hl=pt-BR. 2002>. Acessado em 01 mai. 2005.

_____. **Ler e reler o mundo**. Disponível em: www.artmed.com.br/patioonline/fr_conteudo_patio.php?codigo=54&secao=26&pai=225 Fev/Abr. 2005. Acessado em: 30 abr. 2005.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo : Cortez, 2000.

LATOUCHE, S. **Les dangers du marché planétaire**. Paris : Presses de Sciences Po, 1998.

MAGALHÃES, H. G. D. **A pedagogia do êxito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARCUSE, H. **Eros e a civilização**. 8ª. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d.

_____. **Negations**. London: Peguin, 1973.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª.ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO, 2003.

_____. **Por uma globalização plural**. Disponível em :
<www.globalization.or/biblioteca/moringpPlural.htm>. Acessado em: 11 ago. 2005.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989.

HILDA GOMES DUTRA MAGALHÃES

Professora Ensino Superior
Fundação Universidade Federal do Tocantins/Campus de Palmas
Fone: (63) 32157163
E-mail: hildadutra@uft.edu.br